

# DE FIO EM FIO RECONSTRUINDO A HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA

Edvana dos Santos VIEIRA (Mestranda PROFLETRAS//UEPB)

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Rosilda Alves BEZERRA (UEPB)

## INTRODUÇÃO

As três últimas décadas do século XX foi espaço de eventos diversos pela causa dos negros e de outras minorias. Ao longo dos últimos vinte anos, o campo da música, do teatro, das artes plásticas, da dança vivenciaram anos de grande atividade. É especialmente nesse período que se inicia a desconstrução dos discursos geradores de estereótipos da África e, por conseguinte, de seus descendentes.

Esse fenômeno percorre diversas searas e não poderia ser diferente na área da literatura, nosso foco de interesse. Dentro dela dá-se o surgimento de uma corrente que ganha visibilidade por uma nova tendência, impulsionada pelos movimentos sociais que militavam por legitimidade e questionavam uma identidade branca que se quer hegemônica.

Ganha espaço, então, uma *literatura afro-brasileira*, que traz o negro como protagonista e não mais como figurante. Essa literatura, em virtude da Lei 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2004), adentra os espaços escolares, mas ainda de forma bastante restrita.

Há mais de uma década, documentos oficiais determinam o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica, porém a aplicabilidade desse ensino ainda não é uma realidade no cotidiano escolar, especialmente no que diz respeito ao ensino de literatura.

São vários os motivos que ocasionam a exclusão da literatura negra no âmbito escolar, entre eles estão a falta, nos acervos das bibliotecas escolares, de um número amplo de obras que portem essa literatura e o despreparo dos docentes para o trabalho com essa arte literária.

Todos os problemas elencados até aqui constituem sérios desafios para o professor de língua materna: Como despertar nos alunos a motivação para a leitura do texto literário e, aqui, particularmente o texto literário afro-brasileiro?

É a partir desse contexto, que pensamos em realizar esse estudo envolvendo a literatura negra e o uso dos espaços virtuais portadores dessa literatura. A pesquisa foi realizada em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamenta da E. E. E. F. M. Professor Raul Córdula, da cidade de Campina Grande-PB.

Esse artigo objetiva apresentar o resultado de uma sequência didática envolvendo os contos “Incidente de raiz” de Luiz Silva (Cuti) e “O cabelo de Lelê” de Valéria Belém, os quais foram buscados no blog *Quero a fome*<sup>1</sup> e em uma página do YouTube, respectivamente.

O referido trabalho apresenta inicialmente um breve discurso sobre a inserção da literatura negra nas escolas brasileiras, depois a descrição da sequência desenvolvida com os contos e por último os resultados e sua análise.

### **A inserção da literatura negra nas escolas brasileiras**

As instituições escolares têm como finalidade primordial a formação integral do indivíduo, para que ele possa fazer valer seus direitos e cumprir com seus deveres em sociedade. Direito que, durante muito tempo, foi negado à população negra, que vivenciou dificuldades e preconceitos para sua inserção no meio social e, principalmente, no Sistema Educacional Brasileiro. Essa realidade vem se modificando, a custo de muita luta e reivindicação dos negros, no decorrer do séculos XIX e XX, e, mais tarde, o seu reconhecimento como sujeitos da construção da sociedade brasileira, fazendo surgir medidas oficiais, como a implantação de políticas públicas que contemplassem essas reivindicações. É nesse contexto que institui-se a Lei n. 10.639, em 09 de janeiro de 2003, um dos passos mais significativos em relação às políticas públicas de inclusão e de afirmação dos afrodescendentes no Brasil. A lei ficou assim redigida:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º - O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional,

---

<sup>1</sup> CÚTI. Incidente na raiz. In: blog “Quero a fome”, - Disponível em <http://queroafome.blogspot.com.br/2013/11/incidente-na-raiz.html>

resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º - Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

O texto sobre a aplicabilidade de conteúdos e a inserção do dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” implica que a diversidade étnico racial deve compreender uma boa parte constitutiva do currículo, mas indo muito além dele. É preciso que ela seja contemplada também no planejamento das ações, nas interações entre os sujeitos que fazem a escola.

A lei visa possibilitar novos olhares sobre as relações raciais no Brasil. A perspectiva é que ela abra espaço para que se dê maior visibilidade às produções de intelectuais negros sobre as relações raciais em nossa sociedade e, conseqüentemente, haja maior inserção de docentes da educação básica e superior na temática africana e afro-brasileira. Um objetivo também primordial, que se deseja alcançar com a inserção da literatura de temática africana e afro-brasileira nas escolas, é contribuir para mudanças na concepção do próprio indivíduo negro, que se encontra nos bancos escolares.

A incorporação dessa literatura, conforme o discurso de Amâncio (2008, p. 37), “eleva a autoestima do alunado negro, de forma a abrir-lhe espaço para uma vivência escolar que o respeite como sujeito de uma história de valor, que é também a do povo brasileiro”.

Sabe-se que um texto pode reforçar e estimular atitudes preconceituosas e racistas daqueles que o leem. Em contrapartida, uma produção pode desfazê-los, provocar mudanças de paradigmas. Como bem conceitua Fairclough (2001, p. 91), o discurso é “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação.” Aqui, ainda mais relevante, é este outro fragmento em que o autor fala da natureza do discurso e sua ação política: “O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder.” É esse um dos compromissos fundamentais da literatura negra: através do discurso, mudar paradigmas estético-ideológicos sobre o negro.

O racismo, infelizmente, ainda permeia fortemente a sociedade, e como a escola é extensão do espaço social, ele adentra os muros escolares, desestabilizando as relações entre sujeitos de etnia branca e negra. Os alunos negros sofrem preconceitos que podem lhes causar consequências danosas, como o seu isolamento, dificuldade de concentração e de aprendizagem e até mesmo o abandono escolar. Quando o tema do preconceito racial é posto em pauta em sala de aula, não são raros os depoimentos de alunos que passaram ou passam por situações vexatórias nas dependências da escola e fora dela. O silenciamento, o desejo de não mais permanecer na escola e a agressão, em resposta à violência, sofrida, especialmente psíquica, são bastante comuns em seus relatos. Todas essas reações podem causar danos irreversíveis ao estudante vítima de preconceito racial.

Silvério (2009, p. 7) sobre a presença do racismo no meio escolar afirma:

O chão da escola é o espaço das interações sócio-educacionais concretas, isto é, mediadas por toda sorte de preconceitos, discriminações, racismo e desigualdades sociais existentes na sociedade mais ampla. Assim, as relações étnico-raciais existentes no país têm um espaço privilegiado para a sua reprodução. Ocorre que é, também, nesse espaço que elas podem ser discutidas, compreendidas e equacionadas de modo a permitir novas formas de interação social entre os frequentadores do espaço escolar.

Trazer a literatura negra para o reduto escolar é, portanto, contribuir para mudar essa realidade que atinge tantas crianças e jovens negras na nossa sociedade, pois como bem conceitua Cuti (2010, p. 21), “A literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação”.

Se durante séculos a literatura contribuiu para a construção de um imaginário negativo sobre o povo negro, é momento de uma desconstrução, de uma edificação que rompa com o preconceito. A literatura, segundo Cuti (2010, p. 13), precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado”. Para o autor, isso já está acontecendo, e é especialmente os que vivenciaram na pele os males desse mal que mais têm se lançado à tarefa de produzi-la. Assim atestam as palavras do escritor: “Os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado.

Essa inserção da literatura negra, na sala de aula, pede um olhar atento dos professores. Silva et al (2010, p. 66 ) afirma que ao escolher os materiais para o trabalho com essa arte literária, o professor precisa estar atento para a forma como a história dos negros está sendo abordada, a fim de evitar a reprodução de preconceitos embutidos em tantos materiais. Um meio para evitar que se cometam os mesmos equívocos que alguns materiais didáticos trazem é o professor ter boas referências teóricas, defendem as pesquisadoras.

Ter um olhar crítico sobre o texto literário que traz o negro, seja como sujeito, seja como objeto, é tarefa fundamental do professor cujo objeto de ensino é a literatura. Se o texto que se tem a mão reforça uma imagem negativa do negro, é preciso colocá-lo em discussão, contrapô-lo a textos que promovem o inverso, com cautela, mas sem negligência, não com o silenciamento da questão posta.

Negar-se a trabalhar a literatura negra é também uma forma simbólica de violência, que pode ser tão ou mais nefasta que a violência física. Amâncio (2008, p. 35) em discurso bastante contundente argumenta que

diante dos processos seculares de exclusão sociorracial no Brasil – principalmente a da pessoa negra – urge que a escola assuma o papel de revisora – não mais de mantenedora – da série histórica que explica o fato de o segundo maior país negro do mundo ainda preservar práticas racistas no cotidiano de suas relações sociais.

O professor não pode negar-se a enxergar e considerar na sua prática de ensino a dimensão étnico-racial, do contrário estará reproduzindo ou tornando legítimo o racismo, que tanto tem contribuído para a exclusão de alunos dos bancos escolares.

## **Procedimento metodológicos**

Este trabalho tem como objetivo relatar os procedimentos metodológicos e avaliar algumas atividades desenvolvidas na aplicação de uma sequência didática, a partir dos contos “Incidente de raiz” de Luiz Silva (Cuti) e “O cabelo de Lelê” de Valéria Belém.

No laboratório de informática da escola, os alunos tiveram acesso às páginas do blog “Quero a fome”, que traz o conto “Incidente de Raiz”. Sentados em duplas, realizaram a leitura e, em seguida, foi promovida a discussão coletiva sobre a narrativa, com ênfase na protagonista, seus sentimentos, suas atitudes.

## Aula 2

Ainda no laboratório de informática, os alunos tiveram acesso, via YouTube, ao livro “O cabelo de Lelê”. Feita a leitura, promoveu-se nova discussão, agora relacionando as duas histórias, a fim de que os alunos percebessem e comentassem diferenças e semelhanças entre as protagonistas das duas narrativas.

## Aula 3 e 4

Em sala de aula, os alunos, em grupos, num total de 05, foram orientados a produzirem um quadro, registrando semelhanças e diferenças entre as duas personagens. Depois de produzidos os quadros, atividade que durou cerca de 30 min., cada grupo expôs seu quadro para a turma, a fim de que todos pudessem conhecer a leitura comparativa dos colegas. Ainda neste encontro, com a colaboração da professora, foi elaborado um quadro único, a partir das análises e seleção, e exclusão de tópicos dos quadros elaborados pelos grupos.

## Aula 5 e 6

De volta ao laboratório de informática, utilizando o processador de textos Word, os alunos em dupla, foram orientados a produzirem uma continuação para o conto “Incidente de raiz”, no qual deveriam promover um encontro entre as duas personagens centrais das duas narrativas. Para isto, foram sugeridas algumas questões para orientar os alunos na produção, conforme apresentado a seguir.

Questões que orientaram a produção da sequência do conto:

- ✓ Como seria o encontro entre as personagens?
- ✓ Onde ele aconteceria?
- ✓ O que as duas iriam conversar?
- ✓ O que uma teria a dizer para a outra?
- ✓ O que seria importante esclarecer sobre as duas personagens?

## Aula 7 e 8

Em sala de aula, os alunos agrupados em 6, foram orientados a lerem as produções uns dos outros, oportunizando momento de leitura e avaliação das narrativas criadas. Também foi-lhes dito que estavam livres para sugerirem alterações que considerassem necessárias para a melhoria das produções dos colegas e estes para acatarem ou recusarem as sugestões dadas.

A maioria das duplas escritoras optou por fazer alterações a partir das sugestões dos colegas, atividade que foi feita extraclasse.

### **Avaliação dos resultados**

Apresentamos aqui os resultados alcançados a partir das aulas descritas, tanto no que diz respeito às discussões orais quanto às atividades escritas, com a apreciação de exemplos representativos.

#### 1º Momento: Leitura e discussão do conto “Incidente de raiz”

A leitura do conto Incidente de raiz oportunizou aos alunos uma rica discussão sobre a personagem Jussara, que não se reconhecendo negra, luta para mudar suas características. Nesse instante, algumas alunas e até alguns alunos reconheceram-se na personagem, discorrendo sobre seus cabelos e o quanto lutam, assim como a protagonista da história, para deixa-los, segundo eles, menos “ruins”, e sobre os preconceitos que já enfrentaram e enfrentam no ambiente escolar, em virtude de serem negros.

A ansiedade de falar gerou certa agitação em sala. Essa postura pode ser observada como uma demonstração da necessidade que os alunos tinham de expressar seus sentimentos em relação ao preconceito de que são vítimas. Assim o texto literário cumpre o seu papel de provocar a reflexão e dar vazão a sentimentos calados, aprisionados.

#### 2º Momento: Leitura e discussão do conto “O cabelo de Lelé”.

A leitura do conto “O cabelo de Lelê” foi selecionado a fim de que os alunos pudessem perceber as diferentes posturas das personagens “Jussara” e “Lelê” diante de “ser negro”. Foi imediata a percepção por parte dos alunos dessa diferença e também de semelhanças entre as protagonistas. “Lelê não gostava de seu cabelo, mas age diferente de Jussara. Ela busca explicação e acaba amando quem ela é, seus antepassados africanos, seu cabelo”, opinou uma aluna.

Um problema que tem suscitado discussões entre estudiosos, é o fato de o livro “O cabelo de Lelê” trazer ilustrações que não colaboram para uma afirmação positiva da imagem do negro, uma vez que os cabelos da menina que ilustra a história serem exageradamente volumosos e desalinhados. Durante a discussão, uma aluna negra posicionou-se sobre essas ilustrações, alegando: “Isso é um exagero, professora, gostei de Lelê, mas precisava ter botado um cabelo exagerado desse na menina”. Outra aluna afirmou: “Poderia ter até começado com ele assim, mas no final ele poderia ter aparecido bem arrumadinho, sem precisar de produto mesmo, como a doida da Jussara. Porque é volumoso e cheio de cachos, agente não precisa andar assim não.”

Como se observa, as alunas demonstraram indignação em relação às imagens, antes mesmo que a professora as pusesse em questão, o que também seria feito. Apesar das ilustrações, a narrativa foi bastante significativa. Pelas palavras da aluna, “gostei de Lelê”, vê-se que a história deixou um resultado positivo, gerando um processo de identificação com a personagem . A simpatia da aluna pela personagem pode gerar, também, uma leitura e uma aceitação de si mesma.

No enunciado “...poderia ter começado com ele assim, mas no final ele poderia ter aparecido arrumadinho”, nota-se o sinal de uma leitura questionadora, motivada pela abertura para as discussões, tanto da narrativa anterior como do conto de Valéria Belém.

### 3º Momento

A primeira atividade escrita solicitada, realizada em grupos, foi uma oportunidade de os alunos sistematizarem suas impressões das duas personagens, realizando um quadro comparativo com as semelhanças e diferenças entre as duas. Abaixo, vê-se o quadro único, construído a partir dos quadros confeccionados nos grupos. Esse registro final foi obtido a partir da avaliação das produções, nas quais os alunos observaram e apontaram repetições de tópicos, tópicos que



demonstravam leituras não autorizadas das narrativas, os quais foram excluídos, assim como a necessidade de inclusão de outros tópicos relevantes.

INCIDENTE DE RAIZ	O CABELO DE LELÊ
Jussara é negra, mas não se vê como negra.	Lelê é negra
Jussara não gosta de suas características e quer mudá-las.	Lelê inicialmente não gosta de seu cabelo
Jussara desvaloriza suas origens.	Lelê busca explicação nos livros sobre a origem do seu cabelo
Jussara é infeliz por que não se aceita.	Lelê compreende que pertence à raça negra e se encanta com seus antepassados e como eles cuidavam dos seus cabelos.
Jussara não aprendeu a se dar valor, a ver a importância de sua gente.	Lelê reconhece que seus cabelos são herança de seu povo.
Jussara compromete sua saúde tentando mudar suas características.	Lelê passa a sentir orgulho do que ela é e a se amar.

#### 4º Momento: Produção da continuação do conto “Incidente de raiz”

A produção da continuação do conto foi uma etapa bastante significativa, que além de propiciar aos alunos a oportunidade de exercitarem a criatividade, através da produção de um texto literário, permitiu-lhes um novo olhar sobre os textos, uma nova recepção, resultante das discussões e atividades realizadas anteriormente.

Abaixo, transcrevemos um dos textos produzidos por uma das duplas participantes do estudo, ambas do sexo feminino.

*“No outro dia, já recuperada, Jussara foi para a escola e no caminho encontrou Lelê, uma linda garotinha negra com os cabelos encaracolados, esvoaçantes. E assim foi por uma semana. Sempre que Jussara seguia para a escola encontrava a menina, só que o penteado dela às vezes mudava. Um dia ela vinha com eles soltos ao vento, outro dia com belas tranças, outro dia presos com presilhas bem coloridas.*

*Lelê, no passado, tinha curiosidade de entender por que seus cabelos eram daquele jeito, cheio de enroladinhos, e nos livros ela aprendeu que seus cachinhos eram herança de seus antepassados africanos, que adoravam cuidar, pentear, fazer um montão de penteados. A garotinha passou a amar o seu cabelo.*

*Era por isso que Jussara sempre via Lelê com o cabelo diferente e assim ela foi mudando de opinião e parou de tentar mudar seu cabelo. E até deixou de tentar esconder os lábios e mudar o nariz. Agora, assim como Lelê, ela também já gosta do que vê.”*

Esse texto, assim como a grande maioria dos outros produzidos pelas duplas, demonstra que os alunos levavam em consideração as questões elencadas para orientar a produção, mas foram além disso, deixando evidentes suas ideias, reações, sentimentos despertados a partir da leitura dos contos. A simpatia pela personagem, presentes nos comentários, durante as discussões dos textos, novamente se evidencia na produção, agora através de outras marcas linguísticas, como o adjetivo “linda”; os diminutivos nos substantivos “garotinha”, “cachinhos”, e no adjetivo “enroladinhos”.

A crítica feita pelas duas alunas negras às ilustrações do conto de Valéria Belém, assim como a sugestão para as ilustrações estão presentes na produção. O que era opinião, agora vem materializado de forma criativa na narrativa: *“Um dia ela vinha com eles soltos ao vento, outro dia com belas tranças, outro dia presos com presilhas bem coloridas”*. Aqui, são as alunas que escrevem e podem criativamente transgredir, impor seu ponto de vista de um outro modo.

Uma das questões induzia os alunos a pensarem nas informações que recuperariam das narrativas lidas, ao darem uma continuação ao conto “Incidente de raiz”. Das muitas informações que compõem o texto da personagem Lelê, a dupla recuperou, tanto na produção do quadro, quanto na escrita da sequência do conto, o amor que a garota passa a ter pelo seu cabelo, *“A garotinha passou a amar o seu cabelo”*, o que demonstra como essa passagem marcou suas leituras.

Nos contos produzidos pelas duplas, é Lelê que influencia Jussara e não ao contrário. É a menina de cabelos encaracolados que transmite uma lição a jovem que tanto luta para mudar suas características. Esta lição transforma a vida da personagem, que passa a aceitar-se como é, pois *“assim como Lelê, ela também já gosta do que vê.”* Os alunos, a partir das produções, demonstraram sensibilizar-se com as protagonistas. Por Lelê, demonstram afeto, a admiração, e por Jussara compaixão, uma vez que dão à personagem uma oportunidade de uma vida mais tranquila, sem o sofrimento na tentativa de mudar suas características.

Os alunos pareceram compreender que o conhecimento das origens de cada indivíduo lhe traz identificação e conseqüentemente o respeito, a valorização da sua identidade.

## Considerações Finais

Todas essas atividades a partir dos contos lidos, ricas criações artísticas, permitiram a transmissão de uma consciência subjetiva, ou seja, a compreensão entre sujeito produtor e o sujeito receptor, gerando novos olhares sobre a realidade.

A solução apresentada pelas alunas produtoras, na voz do narrador, revela o caráter humanizador do texto literário. Elas viram a protagonista Lelê como aquela que tem algo de valor a ensinar e que a outra personagem precisava aprender. Esse ensinamento daria a outra a oportunidade de aceitar-se e não mais sofrer tentando mudar suas características, a fim de seguir padrões impostos por uma parcela da sociedade.

Não se pode dizer que no dia seguinte as alunas e mesmo alunos que alongam seus cabelos vão chegar à escola de cabelos encaracolados, trançados. Porém não se pode deixar de perceber que os alunos conseguiram imprimir nos textos suas reflexões, seus pontos de vista, que certamente foram influenciados pelas discussões.

A literatura negra, apresentou-se, portanto, como um elemento que provoca reflexão, reforçando a proposta de valorização racial, oportunizando a construção de um pensamento de respeito ao diferente, à diversidade de povos.

## REFERÊNCIAS

.AMÂNCIO, I.M. da C. Lei 10.639/03, cotidiano escolar e literaturas de matrizes africanas: da ação afirmativa ao ritual de passagem. In: I.M. da C. AMÂNCIO; N.L. BERND, Zilá. O literário e o identitário na literatura afro-brasileira. In: Silva, Denise A. e Martins, Ricardo Andre F. (Org). **Revista Língua & Literatura**. v. 12, n. 18, p. 33-44. Dez. 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Plano Nacional de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília:

MEC, SECAD, 2009.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. (coord.) Isabel Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001.

SILVA, Cristiane Rute M. et al. Uma análise pedagógica sobre a implementação da Lei n. 10.639/03 em escolas da rede pública e privada de Belo Horizonte. IN: **Pedagogia em ação**. v. 2, n. 1, 2010.

SILVÉRIO, **Valter Roberto**. **Avaliação do programa “A Cor da Cultura”**. [2009]. Disponível em: [http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/Avaliacao\\_do\\_programa\\_A\\_Cor\\_da\\_Cultura.pdf](http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/Avaliacao_do_programa_A_Cor_da_Cultura.pdf). Acesso em 02 de agosto de 2010.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Ilustr.: Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.